

CEEE/Som do Sul

Henrique Mann



fascículo nº 5



Grão de Fritas
Ternitas



Este projeto foi realizado através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, com o patrocínio da Companhia Estadual de Energia Elétrica.



Projeto, Produção, Direção e Edição: Henrique Mann
(todos os direitos reservados).

Músico, produtor e escritor. Natural de Porto Alegre, profissionalizou-se em 1983, desenvolvendo, desde então, intenso trabalho de pesquisa de história da música. Discografia: LP "Quintanares & Cantares", em parceria com o poeta Mario Quintana (1986, relançado em CD, em 1998), CD "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol. I" (1997), "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol II" (1998), CD "Norte In Sul" (2000). Livros publicados: "A Música Popular Brasileira em Debate" (Ed. Alcance - 1991) e "Retratos da Vida Boêmia" (Ed. Ampla - 1995). Eleito, em 1999, Presidente da Associação Gaúcha do Disco Independente (Agadisc).

Coordenação Editorial: Mônica Kanitz

Apoio à Pesquisa: Eglê Manssur Anflor e Leandra Vargas

Produção de Pesquisa de Campo: Rosane Furtado Fernandes

Transcrição de Partituras: Michel Dorfman

Revisão: Dione Detanico Busetti

Direção de Arte: Vitor Hugo Turuga

Projeto Gráfico: Fósforo Design Gráfico

Assistência de Arte e Diagramação: Clotilde Sbardelotto

Direção de Fotografia das Capas: Vitor Hugo Turuga

Fotografias das Capas: Nilton Santolin

Retoque Fotográfico, Recuperação de Originais

e Ilustrações Digitais: Vitor Hugo Turuga

Contracapas: Paulo Ricardo Winterle/CEEE, com Charges de Santiago



Coordenação Gráfica: Rossir Berní - Editora Alcanço Ltda.

R. Sto. Antonio, 254/1º andar - 90220-010 - P. Alegre/RS - fone: (51) 3311 1075

www.editoraalcanço.com.br / e-mail: alcanço@editoraalcanço.com.br

Impresso na Gráfica Palotti, em maio de 2002.

Colaboração com Textos: Gilmar Eitelwein, Renato Mendonça, Mônica Kanitz, Juarez Fonseca, Roger Lerina, Kenny Braga, Cláudio Brito, Isabel L'Aryan, Pedro Metz, Mutuca, Ricardo Lima e Margarete Moraes.

Especiais Agradecimentos: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (Erací Rocha, Cláudio Knerin, Praxedes e Menini), Museu Hipólito José da Costa (Carlos R.C. Leite e Neusa Valejo), Fundação Vitor Mateus Teixeira (Betha e Teixeira Filha), Paixão Côrtes, Barbosa Lessa, Dedé Ribeiro, Juarez Fonseca, Kenny Braga, Antônio Augusto Fagundes, Sílvia e Lucienne Ruschel, Rogério Piva e família, Airton Ortiz, Pery Souza, Sindicato dos Compositores (Sicom), família Bertussi, Hardy Vedana, Renato Mendonça, Roger Lerina, Marcelo Menna Barreto, Tânia Aquino, Eneida Serrano, Maria da Graça Rodrigues, Flávio Chaminé, Heloy e Tiarajú Fróes, Nelson Coelho de Castro, Luis Gomes, Flávio Mendes, Marcos Souza, Luis Müller, Suzi Rillo, Marcos Borghetti, Patrício Maicá, Lupicínio Rodrigues Filho, Tânia Matte, Teresinha Silveira, Fábio Pedersen Rosa, Guga Munhoz, Sérgio Nunes, Coordenação de Música da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, compositores, músicos, seus familiares e amigos.

Gildo de Freitas O Rei dos Trovadores



Ilust. digital: V. H. Turuga

Os anos 50 foram a época de ouro da trova no Rio Grande do Sul. Nas noites de domingo, o estado inteiro sintonizava a Rádio Farroupilha para ouvir o Grande Rodeio Coringa, onde duelavam os trovadores mais famosos, como Luiz Müller, Genésio Barreto, Garoto de Ouro, Antoninho Silva, Portela Delavi, Tereco e Gildo de Freitas. Gildo era o maior de todos e tinha consciência disso. Tanto, que anos depois, desafiando Teixeira, gravou uma música chamada *Não Mexa Com Quem Está Quieto*. Trecho: "Um contrário me vencer/ É o mais custoso que eu acho/ Só se o céu descer pra baixo/ E a Terra subir pra cima/ Os astros mudar de clima/ Trocar verão por inverno/ Trocar o céu pelo inferno/ Depois eu perco na rima".

Trovando, Gildo de Freitas conquistou o Rio Grande por sua aguda inteligência natural (não completou nem o curso primário), seu conhecimento das coisas campeiras, seu carisma e sua incrível facilidade para fazer, de improviso, versos esplêndidos. Dizia que a trova é uma matemática de rimas: "Tem que fazer a conta ligeiro e rimar". No tempo em que se tornou a principal atração do "Grande Rodeio", ele já andava mais acomodado, cuidando da família e tratando de ganhar a vida com sua arte. Mas antes era uma loucura. Brigão e meio desordeiro, sempre armado, aprontou tudo que tinha direito em fandangos, bolichos de beira de estrada, canchas de bocha, carreiras de cavalos.

Para resumir, esteve preso mais de quarenta vezes, a primeira aos 18 anos, em 1937, mesmo ano em que foi dado como desertor, por não ter se apresentado à convocação para o serviço militar. Era hóspede assíduo do antigo cadeia do Gasômetro, em Porto Alegre. Não por outro motivo, tinha ódio da polícia. Algumas de suas escaramuças estão contadas em músicas nas quais aparece como defensor dos mais fracos. Garantia nunca ter se metido em brigas a não ser para defender um inocente, um injustiçado ou a honra. A polícia só largou do pé dele depois de ter se tornado amigo de Getúlio Vargas, participando em 1950 de sua campanha de volta à presidência da República, com apresentações até no Rio de Janeiro.

Gildo nasceu no Passo d'Areia, na época zona rural de Porto Alegre. Era filho de uma gaúcha com um uruguaio que sustentava a família plantando e vendendo hortaliças. Como não queria estudar, aos 8 anos começou a ajudar o pai, que volta e meia lhe aplicava surras homéricas. A compensação era a gaita de oito baixos do irmão mais velho, que ele aprendeu a tocar sozinho e às escondidas. Cansado das surras, aos doze anos fugiu de casa pela primeira vez. Entre uma fuga, uma surra e outra fuga, foi ficando conhecido nos botecos e canchas de carreira dos arredores de Porto Alegre como o guri



que cantava de improviso.

E assim cresceu, vivendo de biscates, sonhando com o dia em que teria dinheiro para comprar uma gaita e um violão. Mesmo que música, naquele tempo e em seu meio, fosse considerada coisa de vagabundos, Gildo já estava decidido. Mas como viver de música? Depois do casamento, em 1941, logo recheado de filhos, ele parava um pouco em casa (viviam em Canoas) e um bastante "por aí". Rodou pelo Rio Grande, trabalhando como peão de estância, em granjas de arroz e coisas do tipo. De vez em quando, conseguia algum dinheiro com as trovas. Mas o trabalho pesado um dia teria que chegar ao fim.

O nome Gildo de Freitas foi crescendo nos concursos de trovas. Em 1949, a fama chega aos ouvidos de Getúlio, que o conhece em São Borja e o leva para cantar nos comícios. E aí surge o "Grande Rodeio Coringa", onde ele definitivamente se consagra como trovador. Mas a popularidade só se completaria com os discos, gravados a partir de 1963. Na base de um por ano, até praticamente a véspera da morte, em 1984, Gildo produziu discos que o situam como talvez o mais importante nome do regionalismo gaúcho, influenciando gerações e sendo amado tanto por João de Almeida Neto quanto por Humberto Gessinger.

Muitos poderão argumentar que Teixeira é maior que Gildo. Em termos de popularidade sim, pois além do talento, Teixeira tinha um desenvolvido *tinô* para o *marketing*. Mas Teixeira foi discípulo de Gildo. E Gildo era mesmo aquele sujeito da música *Eu reconheço que sou um grosso*, sua antológica profissão-de-fé, preocupado mais em compor e cantar do que com negócios. Tinha brilhante capacidade para surpreender, com um inesgotável manancial de assuntos: os animais, a natureza, a vida campeira, o sobrenatural, as paixões, a filosofia popular, os vícios, a religião, a música, a política, o destino, os dramas sociais. Era, enfim, um gênio.

Artistas como ele só nascem de tempos em tempos. O dinheiro que ganhou depois de famoso, e nunca foi muito, usou para sustentar a família e dar comida aos pobres. Formavam-se filas de indigentes para tirar o vazio do estômago no sopão que ele fazia em sua casa de Viamão. E foi em Viamão que ele deixou a marca derradeira: na Churrascaria Gildo de Freitas, inaugurada em 1978, nasceram os bailões, fandangos populares e democráticos que se reproduziram pelo estado, dando início à febre dos conjuntos de baile que hoje dominam o mercado regionalista.

O texto acima é uma colaboração de **Juarez Fonseca** - Jornalista

Cronologia Biográfica:

Leovegildo José de Freitas

Gildo de Freitas

1919 - Nasce a 19 de junho, no bairro Passo d'Areia, em Porto Alegre, filho de Geórgina e Vergílio José de Freitas, agricultor castelhano.

1927 - Aos oito anos de idade, já trova como um adulto. Porto Alegre daqueles tempos tinha seus bairros periféricos, como o Passo d'Areia, repletos de vida campeira e lides rurais. Gildo pega às escondidas a "cordiona" do irmão Alfredo, adestrando-se empiricamente no instrumento.

1931 - Primeira de uma série de fugas de casa. Foi pedir serviço em uma cancha de carreiras. Como ainda não entendia muito de cavalos, acabou cativando o pessoal ao subir em uma mesa e cantar trovas. Dias depois, foi encontrado pela família e levado para casa.

1935 - Já é um trovador de respeito e, apesar da juventude, poucos se arriscam a enfrentá-lo. Espelha-se

em grande mestres repentistas como Inácio Cardoso, Fagundes, Genésio Barreto e Pena Brabo.

1937 - É considerado desertor por não cumprir a apresentação ao exército.

Envolve-se em violenta briga com a polícia, onde morre um dos seus companheiros (de nome Otávio), indo para a cadeia pela primeira vez, coisa que seria freqüente em sua vida (tanto as brigas, quanto as prisões).

A razão da peleia foi que Gildo e uns amigos promoviam cantorias em um boteco no bairro Mont' Serrat. A polícia do Gen. Flores da Cunha reprimia estas manifestações, e até festa de aniversário tinha que ter licença para ser realizada. Gildo e Otávio reagiram armados de paus; Otávio foi baleado e Gildo só se entregou para socorrer o companheiro, que acabou falecendo. Gildo foi preso e espancado por trinta dias no cadeiaão do Gasômetro. Desde então, cada vez que via polícia, arrumava encrenca.

1939 - Compra seu primeiro violão. Naquela época, quem cantava ou tocava, era visto como rematado

vagabundo, coisa que Gildo não era mesmo; pelo contrário, trabalhava em tudo o que pudesse, fazia "changas" comprando e vendendo mercadorias no Mercado Público, verduras e artigos campeiros, trabalhava de pedreiro, roceiro, carregador e tudo o mais, não tinha serviço ruim para ele.

1941 - Casa-se com Dona Carmem, passando a residir em Canoas (Niterói). O temperamento agressivo continua a render-lhe mais peleias e problemas com a polícia.

O pai da Dona Carminha não queria Gildo para genro, apesar de admirá-lo por sua impetuosidade. Como a filha queria Gildo, o pai acabou cedendo. Gildo havia contraído sífilis, e os primeiros sinais da doença começavam a se manifestar. A demora em tratar a doença debilitariam sua saúde com conseqüências para o resto da vida e levariam Dona Carmem a abortar os dois primeiros filhos.

Mas o motivo principal de seus problemas de saúde seriam mesmo os ferimentos em peleias e os espancamentos pela polícia. Anos mais tarde, ele diria *"já fui preso mais de 30 vezes e nunca entrei caminhando na cadeia, só arrastado"*.



Com os pais, aos 8 anos.



Com sua mulher, Carminha.

Logo no primeiro ano de casamento, após Gildo participar de uma violenta briga, o casal teve que ficar muitos dias escondido no mato, alimentando-se de palmitos e peixes, enquanto a polícia o procurava.

1944 - Nasce o primeiro filho, Jorge Tadeu. Começa a ser reconhecido como trovador e, por conta disto, viaja bastante pelo interior. Prosseguem os problemas com a polícia.

Gildo era trabalhador, mas andava sempre armado de faca ou revólver e não podia ver confusão que se metia. Para sobreviver, também andava fora da lei: por esta época, contrabandeava pneus em Santa Catarina e lá envolveu-se em tiroteio com a polícia, conseguindo escapar. A fama de valentão fazia com que fosse constantemente desafiado; às vezes desencorajava os desafiantes com tiros de revólver, às vezes a coisa ficava pior ainda.

1949 - A fama de bom trovador espalha-se pelo estado.

Em uma das prisões, é submetido a sucessivas sessões de afogamento. Desaparece de casa, reaparecendo na fronteira. Com paralisia nas pernas, passa longa temporada em Alegrete sem poder caminhar.

Já trovador respeitado, concorre em programa de trovas da rádio local, conquistando a cidade. Chegou na rádio mal caminhando, parecia deficiente físico.

1950 - Conhece Getúlio Vargas em São Borja, passando a trabalhar em sua campanha política. A proximidade com Getúlio faz com que a polícia o deixe em paz.

Viaja ao Rio de Janeiro pela primeira vez. Contudo, a vida continuava a dureza de sempre. Neste período, trabalhou em granjas de arroz, dormindo nas palhas por não ter cobertas, e também fez carga e descarga de caminhões de aterro.



Saturado depois de mais uma peleia.

1951 - Mesmo sob proteção de Getúlio Vargas, Gildo cumpre pena em liberdade condicional.

1952 - Nasce seu quarto filho.

1953 - Consagra-se como trovador, apresentando-se freqüentemente nos programas de rádio ao vivo em Porto Alegre.

1955 - Forma com Teixeirainha uma dupla que marcaria a história da música do RS.

Gildo era, então, mais famoso que Teixeirainha. Com o parceiro percorreria os estados do sul em muitas viagens e memoráveis apresentações e aventuras.

Na época, não havia equipamentos de som, os bailes eram "no gogó" e isso os dois tinham bastante.

Muda-se para o bairro do Passo do Feijó. Abre seu primeiro bolicho.

1956 - Torna-se a principal atração do programa "Grande Rodeio Coringa", apresentado por Darcy Fagundes e Luiz Menezes nas noites de domingo, na Rádio

Farroupilha. Intensificam-se as viagens e a parceria com Teixeirainha.

1961 a 1962 - Desgostoso com o declínio dos programas de rádio e a afirmação da televisão como veículo de comunicação, Gildo abandona a arte e resolve dedicar-se à criação de porcos.

Convidado por Dilamar Machado, retorna para fazer um programa na Rádio Gaúcha, transferindo-se posteriormente para a Difusora.

Gildo adoece novamente, desta vez dos pulmões. Vai para o Paraná se tratar e lá faz um programa na rádio de Pato Branco por alguns meses.

De volta a Porto Alegre, começou a realizar o Rodeio Gildo de Freitas, com equipes de domadores e laçadores, cavalos xucros e gado de laçar, trovadores e duplas. Administrava o comércio paralelo de barracas de comida e bebida, jogos, arreios e artigos campeiros.

1963 - Viaja a São Paulo para gravar seu primeiro disco. Participa do LP *Sertão em Festa*, com a música *Mula Preta*, ao lado de duplas sertanejas como Tonico e Tinoco e Pedro Bento e Zé da Estrada.



Com Leonel Brizola.



1964 - Lança o primeiro LP *O Trovador dos Pampas*, pela Continental. O disco começava com *História dos Passarinhos* e encerrava com *A Grande Perda do Brasil*, em homenagem a Getúlio Vargas.

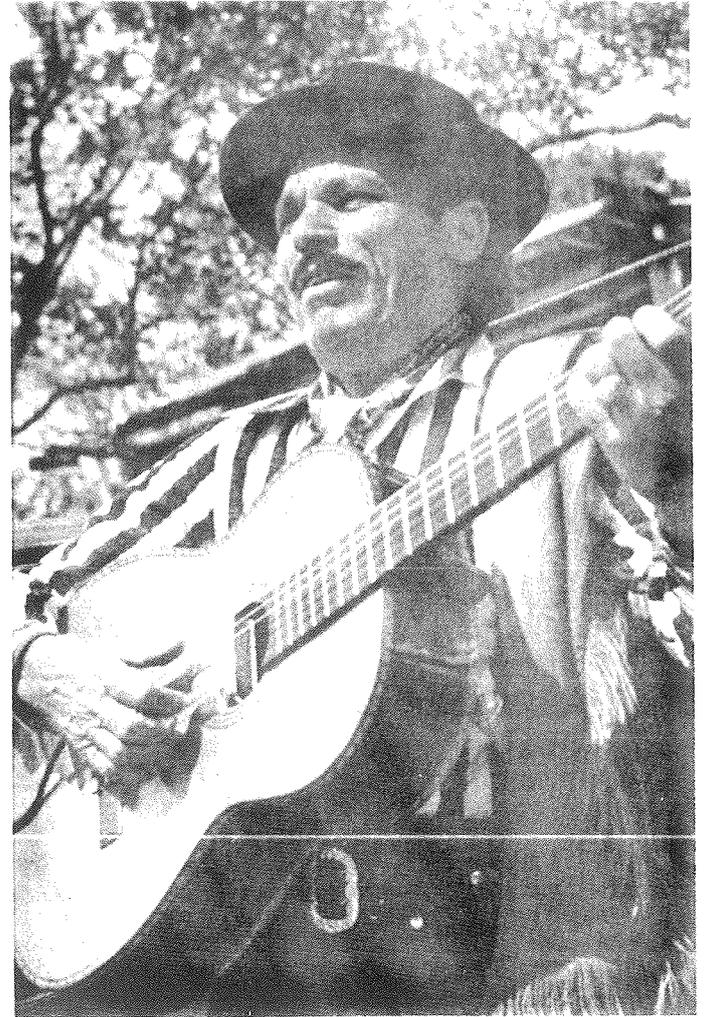
Na metade deste ano, é intimado a depor sobre seu envolvimento com os trabalhistas. A história é memorável: Gildo foi buscado em casa por dois jovens soldados. Pela primeira vez entrou "caminhando" na cadeia. Afinal era só para depor.

Lá pelas tantas, o major perguntou sobre 500 fuzis que Gildo teria escondido em casa, ao que respondeu: "*Major, não acredito que o Sr. acredite nisso. Se o Sr. soubesse que um homem como eu tinha 500 fuzil em casa não mandava dois meninos desses para me prender...*"

1965 - Recusa o convite de Jango Goulart para morar no Uruguai.

Lança o segundo disco *Vida de Camponês*. Neste LP, a música *Baile de Respeito* dá início à célebre disputa com Teixeirainha, que responderia com *Baile de Mais Respeito*.

Segundo Teixeirainha, "foi uma combinação na amizade e em segredo" para ambos venderem mais discos. Se foi isso ou não, o fato é que a lenda deu certo, mas acabou engrossando.



Em uma coletânea de 1967, chamada *Ô Chê*, Gildo gravaria *Não Mexa Com Quem Está Quieto* em cuja última estrofe dizia:

*"Eu te aviso, Teixeirainha,
ligeiro com pouco prazo
não convém tu criar caso
que é pra evitar o perigo .
eu não sou bom inimigo
já sabe as provas que dei
antes pelear contra a lei
do que ter questão comigo".*

1968 - Grava seu terceiro LP pela Continental.

1970 - Tornam-se cada vez mais frequentes as crises de saúde. Gildo reclama da gravadora. Em sete anos, gravara apenas três discos e queixava-se do tratamento



que lhe haviam dado em São Paulo. O representante da Continental em POA era Ayrton dos Anjos, o Patinete, o maior produtor de discos da história do RS.

Patinete intercede, e a gravadora manda que prepare um novo disco, mas Gildo recusa-se ir a São Paulo gravar. Ayrton faz com que venha um técnico de São Paulo e monta um estúdio dentro da Rádio Gaúcha, onde Gildo grava seu quarto LP.

Dali para frente, Ayrton produziria a maioria dos seus discos. É difícil estabelecer uma ordem cronológica exata para estes discos, porque eram feitas coletâneas e discos mistos com canções novas e gravações antigas. No arquivo da Continental, até 1985, constavam 26 LPs; os posteriores relançamentos em CD formam outro catálogo complicado.

1975 - Lança dois discos: *O Ídolo Gildo de Freitas e Gildo de Freitas e seus Convidados*.

As fotos das capas destes discos têm uma história singular. Gildo estava internado na Santa Casa de Misericórdia, seu hospital preferido. Quando desceu as escadas

da Enfermaria 2, os doentes o esperavam nas galerias e aplaudiram a sua passagem.

Ayrton dos Anjos diz que a cena "era de arrepiar. Aquelas pessoas estropiadas, parecia filme de guerra". Sem forças para cantar, apresentou os músicos que lá estavam para as fotos e realizou-se um show improvisado para os doentes.

Aliás, os shows de Gildo para os doentes eram uma espécie de tradição na Santa Casa, onde ele havia feito amizade com médicos, enfermeiros e pacientes.

1977 - Inaugura a Churrascaria Gildo de Freitas em Viamão e dá início aos bailões que depois disseminariam-se pelo estado.

Gildo vendeu o negócio para o construtor do prédio, Cardoso, que, em sociedade com Reci, daria seguimento ao investimento que acabou tornando-se um fenômeno de massas no Rio Grande do Sul; para Gildo foi apenas mais um negócio.

1978 a 1981 - Entre discos, shows e interações





Churrascaria de Gildo, em Viamão-RS, que daria início aos baillões.

hospitalares, Gildo começa a acomodar-se mais em casa.

Gostava de receber gente, vizinhos, admiradores, amigos e até Kledir Ramil lá esteve, buscando subsídios para a sua "Trova". Às vezes mandava fazer um panelão de comida para os visitantes. Gostava especialmente de jovens músicos e volta e meia apadrinhava algum.

No final de 81, baixou UTI no Sanatório Belém. Chamou Patinete e mandou que ele fizesse uma foto de seu estado deplorável. Ayrton apavorou-se.

Gildo disse-lhe: *"Bate a foto, imprime embaixo dela a letra da minha música O Fumo, vende e dá o dinheiro para a Carminha."* Patinete protestou, apesar de não acreditar muito, disse que logo ele estaria bom como nas vezes anteriores e demoveu-o da idéia.

Ele acabou recuperando-se mais uma vez. Só que ficou com uma barriga enorme e inchada como seqüela; não podia mais andar de guaiaca com a faca nas costas como gostava.

1982 - Grava o seu último disco, apresenta-se em programas de Rádio e TV.

Sua música *Reconheço que Sou Grosso* torna-se

um tremendo sucesso. Gildo é um mito, um herói popular, o "Rei dos Trovadores".

1983 - Internado no hospital Nossa Senhora da Conceição, constata-se a convergência dos males que o acompanharam pela vida toda: enfisema pulmonar, cirrose, problemas cardíacos, cerebrais, hemorragias e mais uma infinidade de coisas.

Os médicos, percebendo que nada mais podiam fazer, mandam-no para casa a fim de terminar seus dias com a família. Gildo sempre fora dado a misticismos, dizia que suas religiões eram "cristianismo, espiritismo e saravá". Naqueles dias sentava-se na sala com o violão e ficava "conversando com Deus".

Faleceu na madrugada de 4 de dezembro. Uma fila de automóveis se fez por vários quilômetros em frente ao cemitério de Viamão.

Muitas pessoas juravam ter visto um sinal no céu com as três cores da bandeira do RS em torno do sol. Da fronteira veio uma cruz de pau-ferro. Gildo foi enterrado como pediu: pilchado e sem caixão. Na lápide uma frase sua: "Aqui descansa um gaúcho que honrou a tradição".



" Trova é uma matemática de rimas, tem que fazer a conta ligeiro e rimar."

Gildo de Freitas

Uma História

Certa feita, Gildo e Teixeira tocavam em baile. Naquele tempo, não havia equipamento de som. Era tudo com som acústico.

Estavam cansados e tresnoitados. Gildo piscou o olho para Teixeira e disse que ia acabar com o baile. Foi cantando num de seus repentes e, entre os versos, denunciou um rapaz que apertava demais a moça enquanto dançava, disse ainda que era um baile de respeito e que aquilo não ficava bem.

Logo a confusão estava formada. No meio da briga, quando já iam guardando os instrumentos, um tiro calou o bochincho. Um taurá forte e bigodudo aproximou-se do coreto de arma na mão e garantiu:

- Eu sou o delegado e garanto que não vai haver mais briga. Os moços podem tocar tranquilos até de manhã.

Trovas

*Certas bobagens que andas dizendo
é pura inveja do Gildo de Freitas
Eu tenho a cara de homem sincero
e uso ela conforme foi feita.
E a tua cara é de uma forma elástica
já fez até uma operação plástica
e mesmo assim a cara não se ajeita.*

(para Teixeira)

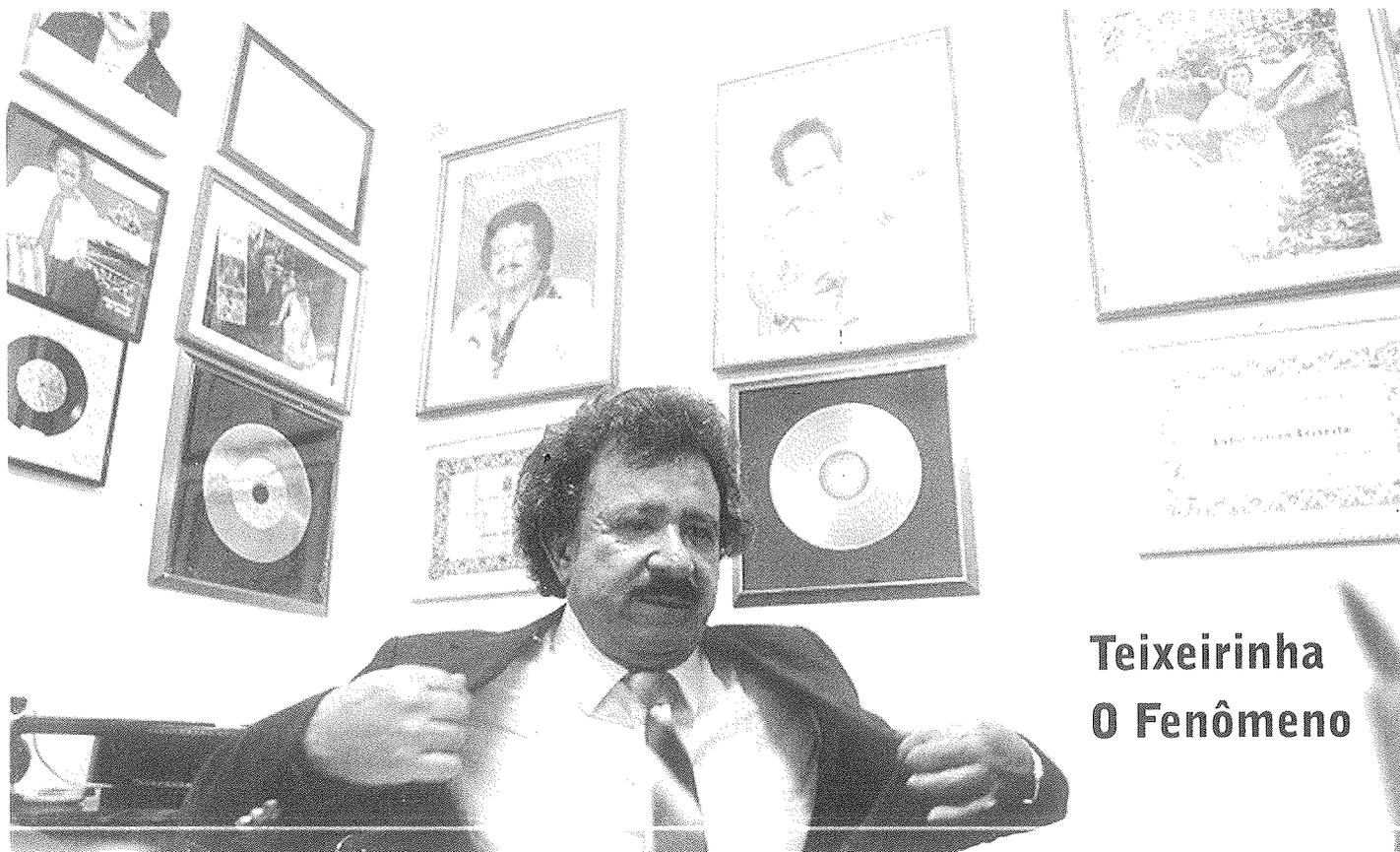
*E o meu compadre Teixeira,
quando terminou a rinha,
se agarrou num cabeludo,
dizendo assim:
essa é minha,
que menina parecida
com a Mary Terezinha.
Fui obrigado a gritar
larga o homem, Teixeira !*

(para Teixeira)

*A galinha pra botar
ela precisa de indez
Por isso então não desmanchem
Tudo o que esse velho fez.
Segurem, não ponham fora
o que eu deixar pra vocês
A fortuna posta fora
não se adquire outra vez*



Detalhe de capa do LP póstumo "Gildo de Freitas-Vivo !" (Continental/Warner, 1983)



Teixeirinha O Fenômeno

Teixeirinha tinha tudo para não dar certo. Cedo perdeu a célula familiar, tornando-se menino de rua. Analfabeto, pobre e desamparado, sem ter para onde ir em uma metrópole desconhecida. Alguém apostaria um centavo que este menino viria a ser o maior fenômeno da música gaúcha em todos os tempos? Que iria produzir e protagonizar doze filmes ou vender mais de 18 milhões de discos? Pois isto aconteceu e sua marca oficial de vendas de discos só equiparase, na fonografia brasileira, a de Roberto Carlos. Há ainda a possibilidade deste número chegar a 24 milhões, mas como os herdeiros de sua obra têm dificuldades de comprovação pelos borderôs das gravadoras, ficamos com a marca oficialmente reconhecida.

Vitor Mateus Teixeira viveu este contraste de situações e números. Quando despontou para o sucesso, em 1961, a trajetória nacional da música gauchesca já deixara trilhas visíveis traçadas por Pedro Raymundo, "Irmãos Bertussi" e pelo movimento tradicionalista. Sua trajetória pessoal mal passava do interior do RS para o de Santa Catarina. Ao lado de Gildo de Freitas, cortara caminhos tão poeirentos quanto os salões de baile de terra batida em que tocavam até o amanhecer. Com a trágica e autobiográfica *Coração de Luto*, tornou-se o primeiro artista brasileiro a vender um milhão de discos. Mesmo assim, foi contestado em sua própria terra. Sempre aparecia alguém para dizer que ele era mais sertanejo, que não fazia o tipo gaúcho tradicional e coisas deste tipo, muito comuns nesta Província de São Pedro / República Farroupilha. Teixeira não dava bola. Compôs mais de 1200 músicas, das quais gravou perto de 800 em 69 LPs.

Sua vida pessoal também era de domínio público como sua arte. Aliás, ele não fazia distinção entre as duas coisas. Seu relacionamento com a companheira de vida e shows, Mary Terezinha, ganhou contornos de folhetim com direito a bate-boca pela imprensa, lances dramáticos e apelos públicos. No final das contas, Teixeira ainda gravou um LP referente a tudo isso e ganhou mais um disco de ouro. Ele era assim, essencialmente artista.

O fenômeno popular foi objeto de estudos sociológicos e teses acadêmicas, tentativas de explicar e compreender os mecanismos que catapultaram aquele homem simples, de pouca instrução e musicalmente rudimentar, ao estrelato fulgurante. O povo que o elegeu ídolo, que tem seu túmulo como ponto de peregrinação, que acolheu sua obra e sua personalidade controversa, este povo não pensa em explicar nada, apenas o ama e ponto.



Cronologia Biográfica: Vitor Mateus Teixeira Teixeirinha

1927 - Nasce em Rolante, filho de Ledorina e Saturnino Teixeira. Era o segundo casamento do pai, que possuía filhos da primeira união. Saturnino partilhou suas terras e bens com a ex-esposa e os primeiros filhos, que nunca se conformaram com o que lhes foi destinado, pressionam sempre o pai e sua nova família com ameaças e agressões.

1933 - Vitor ganha um violão do pai, que o estimula a fazer versos e trovas. Este instrumento seria quebrado por um dos meio-irmãos em uma das agressões, e este evento marcaria para sempre a sua lembrança.

Naquele dia, o confronto das famílias deixaria Saturnino muito nervoso, vindo a falecer à noite, de ataque cardíaco. Com a sua ausência, Vitor e a mãe são expulsos das terras, indo morar de favor em localidade próxima.

1936 - Dona Ledorina, epilética, sofre uma convulsão no momento em que incinerava uma pilha de folhas, galhos e sobras de uma poda de arvoredo. Cain-



Com Antoninho da Rosa, seu primeiro gaiteiro.

do sobre a fogueira, sofre graves queimaduras, vindo a falecer no outro dia.

Começa um período ainda mais terrível na vida de Vitor. Os parentes da mãe, muito pobres, não podiam criá-lo. Acaba vindo para Porto Alegre e vivendo como menor abandonado. Chegou a dormir em praças e sob pontes. Contava que seu local preferido para pernoitar era em um cano de cimento à beira do Guaíba. Foi engraxate, verdureiro, baleiro e estafeta de hotel, onde aprendeu a ler em jornais e nos endereços das mensagens que transportava.

1941 - Registra seu nascimento em cartório de Porto Alegre.

1944 - Trabalhando em uma granja na periferia de P. Alegre, consegue juntar dinheiro para comprar um violão. Desenvolve seu talento musical, ouvindo Vicente Celestino e a dupla Tônico e Tinoco no rádio.

1949 - Consegue o primeiro emprego fixo como operador de máquinas do DAER. Conhece Erci Pereira, com quem teve dois filhos: Líria e Vitor Matheus Teixeira Filho. Apresenta-se na Rádio Progresso, em Novo Hamburgo.

1950 a 1956 - Passa a atuar regularmente em programas da Rádio Taquara (Bom Dia Alegre), Independente de Lageado (Verdes Coxilhas), Rádio Rio Parado, Rádio Alto Taquari, Rádio Santa Cruz (Anoitecer no Sertão e Coxilha do Rio Grande).

1957 a 1960 - Assume seu primeiro programa próprio de rádio, o "Entardecer do Rio Grande", que ia ao ar das 17h e 30min às 18h, na Rádio Municipal de Passo Fundo. Casa-se com Zoraida Ferreira Lima com quem teve quatro filhas. Passa a apresentar-se com sucesso em programas importantes da Capital, como os de Dimas Costa, Paixão Côrtes e Darcy Fagundes na Rádio Gaúcha. Em 59, grava dois compactos com *Briga no Batizado / Xote Soledade* e *Cinzeiro Amigo / Tiro de Laço*.

Em 1960, mais dois compactos com *Milonga da Fronteira / Velha Estância* e *Gaúcho de Passo Fundo / Coração de Luto* e o LP *O Gaúcho Coração do Rio Grande*.

1961 - A música *Coração de Luto*, gravada em compacto no ano anterior, explode como sucesso nas rádios e é fenômeno de vendas de discos. Grava os LPs *Um Gaúcho Canta Para o Brasil* e *Assim é nos Pampas*. Já é um sucesso confirmado em rádio e disco.

Ao exibir-se no programa "Bagé em Desfile", é apresentado a uma menina de 14 anos conhecida na região como "Teixeirinha de Saias", porque tocava e cantava todo o seu repertório, acompanhando-se com destreza



Em 03.03.67, aniversário de Teixeira, com Antonio Augusto Fagundes e Gildo de Freitas.

ao acordeom. Era Mary Terezinha que, por 22 anos, comporia com ele uma dupla de fulgurante sucesso popular e com quem teria um casal de filhos.

1962 - LP *Gaúcho Coração do Rio Grande* (Vol. II).

1963 - LPs *Saudades de Passo Fundo* e *Gaúcho Autêntico*. Recebe o Troféu Chico Viola da TV Record/SP.

1964 - LPs *Êta Gaúcho Bom* e *Teixeirinha Show*. Tem várias músicas entre as vinte primeiras da Parada Nacional de Sucessos.

1965 - LP *Bate, Bate, Coração*. No início do ano, recebe o primeiro disco de ouro por *Coração de Luto*. Grava o LP *Disco de Ouro*. Ao final do ano, recebe a Taça de Prata da Parada de Sucessos pela impressionante marca de dois milhões de cópias vendidas de *Coração de Luto*.

1966 - LP *Canarinho Cantador*. Devido ao sucesso da música, é convidado pela Leopoldis Som a encenar o filme "Coração de Luto". Escreve o roteiro com base na letra, alterando alguns detalhes da história, o que provocaria algumas polêmicas posteriores quanto à sua veracidade.

O filme é um retumbante sucesso de bilheteria. Devido ao sucesso de seus discos em Portugal, recebe o Troféu Elefante de Ouro naquele país. Inicia a disputa com Gildo de Freitas através de músicas com ataques mútuos.

1967 - LP *O Rei do Disco*. Lança também LP homônimo com a trilha sonora do filme.

1968 - LP *Teixeirinha no Cinema*.

1969 - LPs *Dorme, Angelita* e *Última Tropereada*. Protagoniza outro filme, desta vez produzido por Itacir Rocha, "Motorista sem Limites".

1970 - LPs *Mocinho Aventureiro* e *Teixeirinha, o Rei*. Troféu Cinema por "Motorista sem Limites". Troféu Honra ao Mérito da Gravadora Copacabana pelos dez anos de carreira.

1971 - LPs *Doce Amor de Mãe* e *Doce Amor*.

1972 - Torna-se produtor, ator e roteirista de seus próprios filmes, criando a Teixeira Produções Cinematográficas. Realiza o filme "Ela Tornou-se Freira". Grava os LPs *Volume de Prata* e *Chimarrão da Hospitalidade*.

1973 - Filme "Teixeirinha 7 Provas", LPs *Teixeirinha num Fora de Série* e *Entre a Cruz e o Amor*.

1974 - LPs *Carícias de Amor* e *Teixeirinha sempre Teixeira*.

1975 - LPs *O Internacional Teixeira* e *Aliança de Ouro*. Realiza o filme "Pobre João".



1976 - Dois LPs: *Última Gineteada e Minha Homenagem*. Dois filmes: "A Quadrilha do Perna Dura" e "Carmem, a Cigana".

1977 - Dois LPs: *Lindo Rancho e Norte e Sul*. Filma "Na Trilha da Justiça".

1978 - Um LP: *Canta, Meu Povo*. Dois filmes: "O Gaúcho de Passo Fundo" e "Meu Pobre Coração de Luto".

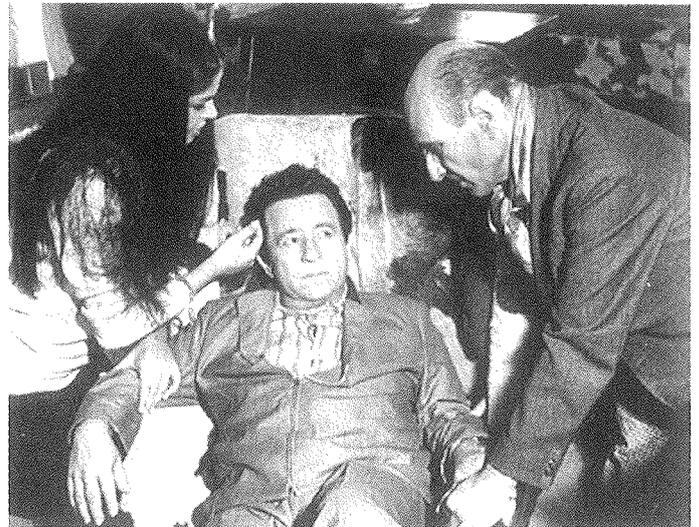
1979 - Filma "Tropeiro Velho" e lança dois LPs: *Menina da Gaita e Amor de Verdade*.

1980 - LPs *20 Anos de Glória* (disco de ouro) e *Menina Margareth*.

1981 - Lança o Filme "A Filha de Iemanjá" e LP com a trilha sonora do filme. Decretada a falência da Teixeira Produções Cinematográficas.

1982 - LPs *Que Droga de Vida e 10 Desafios Inéditos* (disco de ouro).

1983 - LP *Chegando de Longe*.



"Make-up" para cena do filme "Coração de Luto".

1984 - LPs *Guerra de Desafios e Quem é Você Agora*. Este último disco destinado à Mary Terezinha.

Neste ano, Mary abandona Teixeira indo viver com Ivan Trilha. A ruptura do casal torna-se pública e ambos discutem detalhes de sua relação pela imprensa.

A saúde do artista começa a ficar abalada. Tenta retomar o trabalho em dupla com Nalva Aguiar. *Quem é Você Agora* alcança o disco de ouro.

1985 - Grava o LP *Amor aos Passarinhos* pelo qual recebe mais um disco de ouro.

Sofre enfarte, ficando hospitalizado por alguns dias. Recebe a imprensa, apresenta melhoras, mas falece na sua própria casa, junto da família, em 5 de dezembro.

Seu corpo é velado no Estádio Olímpico, Teixeira era gremista fanático. O velório e o sepultamento no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia foram palco de muita consternação, histeria, fãs, imprensa, enfim, evento digno de uma estrela de sua estatura.

Foi sepultado vestido de branco, como era de sua preferência em shows, com bandeiras do RS, do Brasil e da cidade paranaense de Crissiumal (onde tinha muitos admiradores e amigos).

Em vida, foi motivo de pesquisas, teses de mestrado e doutorado por seu sucesso popular fenomenal. Foi centro de polêmicas e figura controversa da história da cultura brasileira.

Deixou nove filhos com quatro mulheres, 69 LPs com mais de 700 canções gravadas; foi o primeiro artista brasileiro a vender 1 milhão de discos e o maior vendedor de discos da história do Rio Grande do Sul, com 18 milhões de cópias vendidas em vários países, número que está longe de ser igualado.

Sua carreira durou 27 anos. Fez, protagonizou e escreveu doze filmes, sendo que dez deles também os produziu.



Com Bibi Ferreira, na TV Excelsior, em 1971.

Após sua morte, sua obra prosseguiu dando frutos. Vários artistas continuam gravando. Só para citar um caso, a dupla "Oswaldir & Carlos Magrão" chegou ao disco de ouro, puxado por *Querência Amada*. Recebeu também inúmeras homenagens.

Seu nome foi dado a duas ruas (em Porto Alegre e Lagarto/Sergipe), e a um Balneário em Novo Hamburgo.

É patrono do Dia do Cantor Regionalista por lei estadual, e lhe foi erigido um monumento na entrada na cidade de Passo Fundo.

Em 1999, seu nome foi incluído pela RBS na lista dos "20 gaúchos que marcaram o século".

Talvez nenhuma destas justas homenagens possa ser tão significativa e espontânea quanto a que o povo mais humilde lhe faz todos os anos, quando da semana de finados: seu túmulo é um dos maiores pontos de visitação do Rio Grande do Sul e local de uma peregrinação quase religiosa.

Declarações de Teixeira

(Coletadas da fita cedida pela Fundação. São vários programas de TV: Cunha Júnior, Balala Campos, Blota Júnior, Sílvio Santos e Bolinha).

" Para aqueles fãs que chegam meio encabulados, dizendo, 'desculpe lhe incomodar, pedindo autógrafa', eu respondo 'incomodaria se não pedisse'. Os fãs são a razão da vida de um artista."

" Quando aceitei fazer o filme 'Coração de Luto' foi para mostrar a minha verdadeira história. Tinha algumas pessoas que, por ciúme da gente estar vendendo bem, duvidavam de mim, diziam até que eu estava me 'provalecendo'(sic) da mãe, mas eu nunca quis ser ator. Era simplesmente Teixeira."



Foto promocional da dupla Teixeira e Mary Terezinha.



Com Dalva de Oliveira, no Rio de Janeiro, em 1976.

" Para o povo, os meus filmes foram bons. Ganhei muito nome no cinema, mas não ganhei dinheiro. Os outros é que ganharam bastante com meus filmes; isso sim é que foi 'bacana'."

" Viver com a família é uma das coisas mais importantes para o artista. A gente convive mais com os fãs e com o trabalho; por isso eu parabeno a minha mulher e as mulheres sinceras dos artistas, porque para ser mulher de artista tem que ter muitas qualidades. O artista não se pertence, pertence aos fãs e a tudo que faz parte do trabalho dele."

" Eu me comunico com o povão, e ele entende a mensagem. Não tenho uma máquina publicitária por trás, se tivesse venderia muito mais. Só vou a programas de TV a convite."

" Meu público vai do mais simples operário até o fazendeiro. Os coitadinhos lá da vila não têm dinheiro para comprar o meu disco, mas me ouvem no rádio ou na TV do vizinho."



" Quando faço propaganda, é dos remédios mais baratos, para os pobres. Propaganda de cachaça cheguei a fazer no começo da carreira, depois cortei e nunca mais; só faço propaganda do que é bom e o povo pode comprar."

" Componho sempre à tarde; das 4 horas em diante, minha cabeça estoura; já cheguei a fazer duas músicas das seis à meia-noite."

" Mary Terezinha é a minha orquestra. Não é uma gaiteira; é uma artista do acordeom."

" Entre sorrisos, houve muitas lágrimas, houve menos descanso e mais trabalho. Eu exigi demais de mim."

" Qual é o artista que se aposenta? Só quando a morte chega. Ser artista é uma cachaça, é um dom que Deus nos dá e nos tornamos escravos da profissão, do show, do rádio, do público, mas é a coisa mais gostosa para um artista. Que coisa mais linda ser artista! Eu agradeço, meu Deus, muito obrigado!"

Depoimento de Teixeira Filho - músico, radialista e engenheiro.

" Tudo na vida tem seu lado bom e ruim. Ser filho de um ícone como meu pai facilita algumas coisas, mas dificulta outras. Meu pai e sua obra são como uma grande árvore que gerou muitos ramos. Hoje sou um destes ramos em fase de crescimento.

Aprendi muitas coisas ouvindo-o desde pequeno. Fui aprendendo música aos trancos, porque meu pai queria que os filhos fossem doutores, acabei sendo engenheiro e não sei se isso foi bom ou ruim; hoje tenho



Recebendo prêmio por "Coração de Luto", na Chantecler-SP.



Com Darcy Fagundes na inauguração do Posto Shell Teixeira, 1972.

dúvidas se não atrapalhou minha caminhada como músico. Acho que reprimi o meu lado compositor.

Tenho muitas composições que nem são do gênero que meu pai fazia, mas é difícil, porque as pessoas me cobram as músicas do meu pai. Só digo isso para mostrar o quanto pode ser difícil ter um pai ídolo popular. Mas tenho muito orgulho disso e também sou fã de Teixeira. Acho que todo o filho de artista famoso deve passar por isso.

Nos meus shows, sempre que as pessoas solicitam as músicas do meu pai, eu executo com o coração, porque além de eu mesmo gostar, sei que o amor do público pela obra de meu pai é muito grande e, principalmente, sincero."

Depoimento de Elizabeth Teixeira, "Betha" - radialista, advogada e diretora da Fundação Vitor Mateus Teixeira.

" Vitor Mateus Teixeira, um homem que nasceu com a missão de levar sua música às pessoas que têm amor pela sua terra, um menino órfão e pobre que tinha tudo para não dar certo, mas que acreditou no seu talento e foi de uma autenticidade ímpar.

O ídolo Teixeira nunca deixou de ser aquele mesmo homem honesto, genuíno e humano, o pai que soube dar e receber, um paradigma para seus filhos. Entendeu o povo e falou a linguagem dele e por isso venceu. Olhe o menino Vitor e entenda o Teixeira; para não desistir desta vida, basta crer.

Hoje Teixeira é história gaúcha pelo mundo a fora. A Fundação que leva seu nome tem por missão manter sua obra, conservar e divulgar a cultura gaúcha, valorizar o ser humano, proporcionando aos menos privilegiados a oportunidade de desenvolver seus talentos."



Coração de Luto

Letra e Música:
Teixeirinha

O MAI OR GOL PE DO MUN DO QUEBU TI VE NA MI NHA VI DA FOI QUAN DO COM NO VE
A NOS PER DI MI NHA MÃE QUE RI DA MOR REU QUEI MA DA NO FO GO MOR TE TRIS TIE DO LO
RI DA QUE FEZ A MI NHA MÃE ZI NHA DAR OA DEUS DA DES PE DI DA VI NHA VIN DO DA ES
CO LA QUAN DO DE LON GE AVIS TE I O RAN CHO QUE NÓS MO RA VA CHEI O DE GEN THEN CON
TRE I AN TES QUEAL GUÊM ME DIS SES SE EU LO GO I MA GI NE I QUE O CA SOB RA DE
MOR TE DA MÃE ZI NHA QUEBU A MEL

O maior golpe do mundo que eu tive na minha vida
Foi quando com nove anos, perdi minha mãe querida
Morreu queimada no fogo
Morte triste e dolorida
Que fez a minha mãezinha dar o adeus da despedida
Vinha vindo da escola
Quando de longe avistei o rancho que nós morava
Cheio de gente encontrei
Antes que alguém me dissesse
Eu logo imaginei
Que o caso era de morte
Da mãezinha que eu amei
Segui num carro-de-boi
Aquele preto caixão
Ao lado eu ia chorando
A triste separação
Ao chegar no campo santo foi a maior exclamação
Taparam com terra fria minha mãe do coração
Dali eu saí chorando por mão de estranho levado
Mas não levou nem dois meses

No mundo fui atirado
Com a morte da minha mãe fiquei desorientado
Com nove anos apenas
Por esse mundo jogado
Passei fome, passei frio
Por esse mundo perdido
Quando mamãe era viva
Me disse, filho querido,
Pra não roubar, não matar
Não ferir nem ser ferido
Descansa em paz minha mãe
Eu cumprirei seu pedido
O que me resta na mente
Minha mãezinha é teu vulto
Recebas uma oração
Deste filho que é teu fruto
Que dentro do peito traz
O seu sentimento oculto
Desde nove anos tenho
O meu coração de luto.

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



Índice

Motivo das Capas

1- A Primeira Metade do Século XX (especial) *	- Chão de Tijolo
2- Os Bertussi/Paulo Ruschel	- Chão de Taquaral
3- Barbosa Lessa/Paixão Côrtes	- Erva Mate
4- Túlio Piva/Luiz Menezes	- Tampo de Violão
5- Gildo de Freitas/Teixeirinha	- Bombacha e Laço de Couro
6- Telmo de Lima Freitas/José Mendes	- Crina de Cavalo
7- Leonardo (e "Os 3 Xirús") / Berenice Azambuja	- Assoalho de Salão de Baile
8- Os Poetas (especial) **	- Céu de Porto Alegre no Verão
9- Os Fagundes (especial) **	- Fogo de Chão
10- Giba Giba/Airton Pimentel (e "Os Araganos")	- Parede de Costaneira
11- Geraldo Flach/Bedeu	- Janelas da Usina do Gazômetro (POA)
12- O Pop Rock no Rio Grande do Sul (especial) **	- Guitarra Elétrica
13- Carlinhos Hartlieb (e Mutuca) / Hermes Aquino	- Escadaria da Rua 24 de Maio (POA)
14- Ivaldo Roque/Jerônimo Jardim	- Escultura Natural em Madeira
15- Gaúcho da Fronteira/Luiz Carlos Borges	- Moirão com Arame
16- Fernando Ribeiro/Mário Barbará	- Cobertura do Auditório Araújo Vianna (POA)
17- Raul Ellwanger/Nelson Coelho de Castro	- Margem do Rio Guaíba (POA)
18- Almôndegas/Kleiton & Kledir (especial) **	- Cuias
19- Plauto Cruz/Fogaça	- Areia de Beira de Rio
20- Noel Guarany/Cenair Maicá	- Parede de Taipá
21- Bebeto Alves/Vitor Ramil	- Campo
22- Nei Lisboa/Gelson Oliveira	- Semáforo
23- Renato Borghetti/João de Almeida Neto	- Boleadeiras
24- Elton Saldanha/Zé Caradípia	- Violão e Calçada da Rua da República (POA)
25- Humberto Gessinger/Júlio Reny	- Interior de Aparelho Valvulado
26- Tangos & Tragédias/Tambo do Bando	- Fachada do Theatro São Pedro (POA)
27- Adriana Calcanhotto/Totonho Villeroy	- Detalhe de Grafite
28- Nenhum de Nós/Papas da Língua	- Conexão de Rede Elétrica
29- A Novíssima Geração (especial) **	- Sinalização de Asfalto
30- Grandes Contribuições à Música do Rio Grande do Sul (especial) ***	- Gaita

* O fascículo 1 inclui material introdutório referente à primeira metade do século XX, com destaque biográfico para Lupicínio Rodrigues e Pedro Raymundo.

** Os seguintes fascículos especiais destacam, respectivamente:

8) Os Poetas : Lauro Rodrigues, Jayme Caetano Braun, Glaucus Saraiva, Apparício Silva Rillo, Sérgio Napp, Luiz Coronel, Luiz de Miranda e Dilan Camargo.

9) Os Fagundes: Darcy, Antônio Augusto, Bagre, Neto, Ernesto e Paulinho Fagundes.

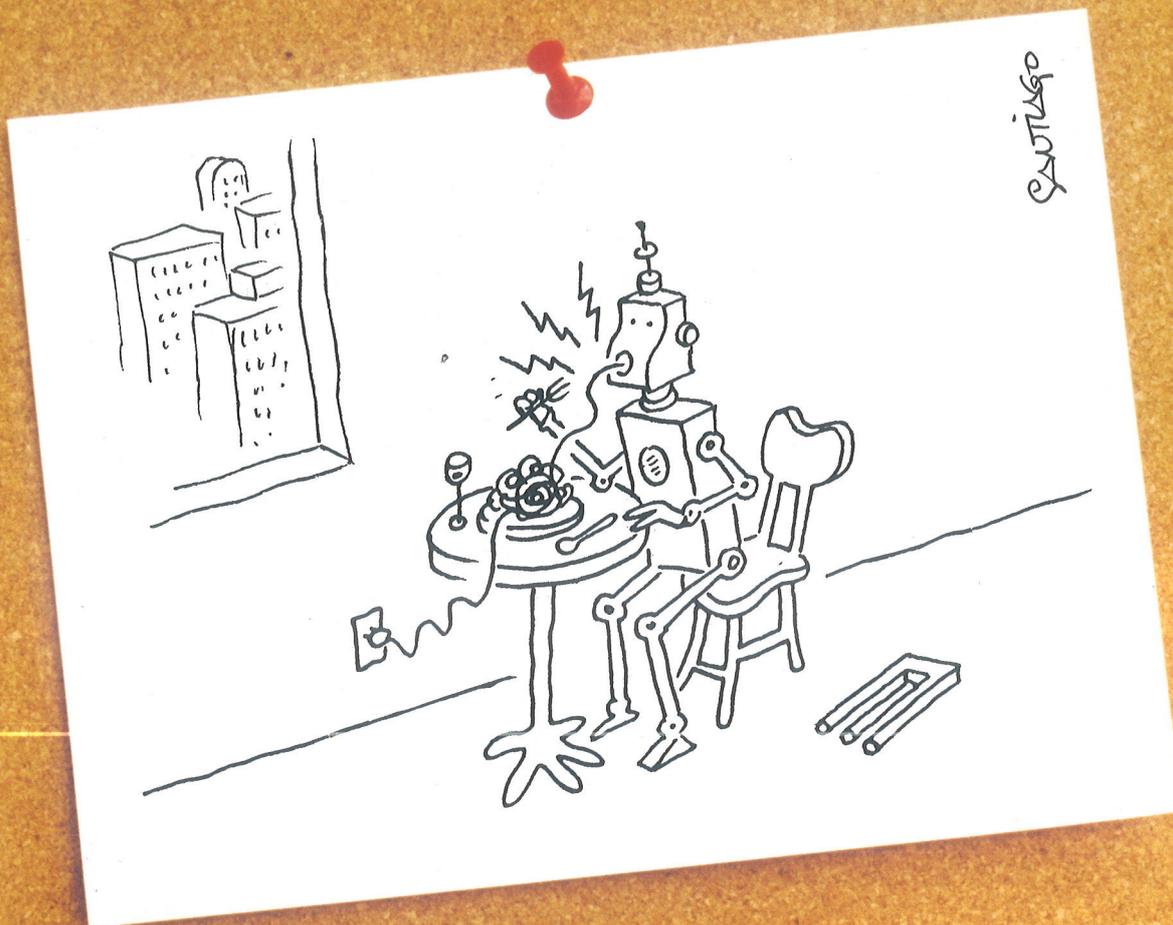
10) Rock: Grupos, bandas e conjuntos de rock (e/ou pop rock) dos anos 60 até o ano 2001.

18) Almôndegas (as várias formações) e Kleiton & Kledir.

29) A Novíssima Geração: Músicos, compositores e gêneros surgidos nos anos 90.

*** O fascículo 30 destaca algumas personalidades, músicos ou não, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da música do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XX: Elis Regina, Rubens Santos, Lourdes Rodrigues, Os Grandes Conjuntos da Música Regional (Conjunto Farroupilha, Os Gaudérios, Os Serranos, Os Tapes), Demosthenes Gonzalez, Hardy Vedana, Colmar Duarte, Ary Rêgo, Glênio Reis, Júlio Fürst, Ayrtton dos Anjos, Juarez Fonseca, Arthur de Faria, Los Hermanos, "Legião Estrangeira", Dedé Ribeiro, Alfred Hülsberg, José Carlos Lima e O Disco Independente.

Obs : todos os fascículos qualificados como "especiais" têm formato diferenciado do projeto normal de duas biografias por fascículo.



Energia e Cultura iluminando os gaúchos.

LIC
Lei de
Incentivo
à Cultura
Estado do Rio Grande do Sul



www.ceee.com.br



GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
Estado da Participação Popular
Secretaria de Energia, Minas e Comunicações
Secretaria de Estado da Cultura